

CONTRIBUIÇÕES DO PORTA-FÓLIO PARA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO¹

Benigna Maria de Freitas Villas Boas

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Nacional de Brasília – UnB

Resumo

Este texto relata a organização do trabalho desenvolvido na disciplina Avaliação da Aprendizagem, do Curso de Pedagogia da UnB, adotando-se como eixo norteador o porta-fólio. O trabalho da disciplina enfrenta o seguinte desafio: possibilitar aos alunos estudar, pesquisar e analisar a avaliação que defendemos e, ao mesmo tempo, praticá-la de forma convencional, isto é, para aprovar ou reprovar os alunos, ou vivenciar e construir, juntamente com eles, práticas avaliativas que apoiem a sua aprendizagem e os ajudem a selecionar as que poderão utilizar quando estiverem atuando em escolas. Pensando nisso é que se introduziu a construção do porta-fólio por cada aluno, com o propósito de preparação dos futuros profissionais para uma prática reflexiva, em todas as dimensões do trabalho escolar. O porta-fólio tem possibilitado a prática da co-responsabilidade (professora e alunos) no desenvolvimento das atividades e das práticas avaliativas e tem se “constituído um exemplo vivo de que a avaliação pode ser um processo prazeroso e construtivo para o aluno, servindo-lhe, inclusive, como ferramenta para se auto-avaliar, visto ser um instrumento que traduz a subjetividade de cada um” (aluna da disciplina, 1999).

¹ Trabalho integrante do painel Desafios da Organização do Trabalho Pedagógico, apresentado durante o X ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, realizado no Rio de Janeiro, de 29 de maio a 1º de junho de 2000.

O porta-fólio é uma oficina de idéias (Simone F. Abílio, aluna do Curso de Pedagogia da UnB, 1º semestre de 1998)

Introdução

Coordenar o trabalho pedagógico da disciplina Avaliação da Aprendizagem em cursos que formam professores e outros profissionais da educação representa um desafio: estudar, pesquisar e analisar a avaliação que defendemos, mas, ao mesmo tempo, praticá-la de forma convencional, isto é, para aprovar ou reprovar os alunos, adotando procedimentos padronizados e descontextualizados, ou vivenciar e construir, juntamente com eles, práticas avaliativas que apoiem a sua aprendizagem e os ajudem a selecionar as que poderão utilizar quando estiverem atuando em escolas?

Esta disciplina faz parte do currículo do Curso de Pedagogia da UnB e tem contado, até agora, com três grupos de alunos: os que se preparam para lecionar nas 4 primeiras séries do ensino fundamental, os que trabalharão com alunos portadores de necessidades especiais e os que serão orientadores educacionais. Dentre eles há os que ainda não são profissionais da educação e aqueles que já trabalham com crianças, adolescentes, jovens ou com adultos. Por esse motivo, todo o grupo analisa a avaliação articulada ao trabalho pedagógico da escola como um todo e o da "sala de aula".

Não se aprende apenas na escola, mas nos locais de trabalho, nos vários ambientes da comunidade e em todo o mundo da realidade virtual e da tecnologia da informação. Hoje referências à "sociedade aprendente" e à "aprendizagem contínua" constituem lugar comum, por parte de autores dos países desenvolvidos, o que demonstra o seu entendimento de que as sociedades de sucesso do próximo século são as caracterizadas por "alta participação e desempenho", nas quais os indivíduos consideram normal continuar aprendendo de um modo ou de outro durante toda a vida, desde que estejam devidamente equipados para isso – estratégica e efetivamente (Broadfoot, 1998, p. 450).

Com o propósito de "equipar" os futuros profissionais da educação para o desenvolvimento de trabalho escolar sintonizado com as necessidades atuais da formação do ser humano e do trabalhador, introduzi na disciplina a construção do porta-fólio pelo aluno, não apenas como um procedimento novo de avaliação, mas como o eixo

norteador do trabalho. Entendo que os futuros profissionais da educação devem não simplesmente aprender, mas vivenciar as práticas pedagógicas que poderão adotar nas escolas onde atuarão.

Por que o porta-fólio? Em primeiro lugar, por ser um procedimento de avaliação capaz de contribuir para a organização de trabalho pedagógico em que o aluno realmente participa da tomada de decisões, fazendo escolhas e avaliando continuamente o seu desempenho. Em segundo lugar, por possibilitar ao professor acompanhar o progresso de cada aluno e avaliá-lo constantemente e com segurança, por meio da análise das suas produções, reunidas de forma criativa por ele próprio.

Em cursos de nível superior é comum o professor aplicar e corrigir provas, registrar os resultados e devolvê-las aos alunos. Além disso, costumam ser solicitadas atividades, como produções de textos, elaboração e desenvolvimento de projetos, trabalhos de campo e outras, entregues ao professor para avaliação. Este, após fazer suas observações, devolve ao aluno suas produções, conservando apenas números e/ou palavras sobre o que foi realizado. Ao final do período letivo, ele recorre aos seus apontamentos para emitir o julgamento final, em forma de nota ou menção. Contudo, não tem mais em mãos os trabalhos dos alunos, para que possa analisar o seu progresso.

Em terceiro lugar, por intermédio do porta-fólio, professor e alunos analisam e avaliam o andamento das atividades, durante o semestre/ano letivo. Trabalhar dessa forma é uma necessidade atual, tendo em vista as exigências apontadas por diversos setores da sociedade, como nos informam os meios de comunicação.

Reportagem da Folha de São Paulo (13/9/99, caderno 6, p. 7) sobre "Quem passa no programa de trainee" apresenta depoimentos de coordenadores desses programas: "queremos pessoas dinâmicas, com iniciativa, que falem inglês com fluência, sejam bem-informadas, leiam muito, tenham cultura"; "o sucesso depende mais das qualidades pessoais do que do tipo de curso de graduação"; "procuro boa formação cultural e dinamismo". O perfil do profissional escolhido pelo mercado é assim apontado pela reportagem: tem curso de pós-graduação; é capaz de exercer múltiplos papéis; sabe trabalhar em equipe; tem formação cultural ampla; tem disponibilidade para morar em outra cidade ou país; é capaz de executar várias tarefas ao mesmo tempo; é flexível para mudar de função e de cargo; domina informática; sabe fazer pesquisa; domina outros idiomas; é hábil ao buscar soluções para os problemas.

Em recente artigo da Revista Veja (16/02/00, p. 21), Kanitz recomenda ao jovem de hoje concentrar-se "em uma das competências mais importantes para o mundo moderno: aprender a pensar e a tomar decisões".

As exigências apontadas pelos dois textos nem sempre são incorporadas ao trabalho escolar, geralmente organizado, desenvolvido e avaliado de forma padronizada, repetitiva e mecânica, somente pelo professor. Requer-se a formação do cidadão como ser humano e como trabalhador, de modo que uma dimensão complemente a outra. A flexibilidade no trabalho, a formação cultural ampla, o trabalho em equipe, as habilidades para solucionar problemas são características que, ao lado de outras, devem integrar o trabalho pedagógico. Para que isso aconteça, é necessário que os profissionais da educação que atuam em escolas vivenciem trabalho pedagógico em que elas estejam presentes durante os cursos que os formam.

Este texto relata a organização do trabalho da disciplina, por meio do porta-fólio do aluno, apresentando suas contribuições, propósitos, possibilidades e dificuldades. Para que se chegue a isso, inicialmente analisa-se a necessidade de a avaliação articular-se ao trabalho pedagógico comprometido com o desenvolvimento do aluno e do professor.

Propósitos e contribuições do porta-fólio

O compromisso com a formação do aprendiz ativo, isto é, independente, que toma iniciativas, que sabe pesquisar e comunicar-se bem oralmente e por escrito e, portanto, capaz de inserir-se criticamente na sociedade, requer que a avaliação contribua para a organização de trabalho escolar que supere o paradigma tradicional. Rejeita-se a avaliação apenas do aluno e somente pelo professor, com a finalidade de aprovar ou reprovar. Rejeita-se, também, a avaliação feita somente por meio de provas. O foco da avaliação passa a ser o trabalho, considerando-se o seu processo de desenvolvimento e o produto obtido. Avalia-se, então, o desempenho de todos os atores envolvidos nesse processo, em nível da escola e da "sala de aula", e o trabalho em si. Avalia-se para analisar o andamento das atividades, para que o que **ainda** não foi aprendido ou realizado o sejam, utilizando-se outros meios mais apropriados e estabelecendo-se os prazos necessários. Avalia-se, também, para que as pessoas envolvidas se posicionem quanto ao processo em desenvolvimento. Os registros

não são apenas numéricos e não apresentam somente a visão de uma das partes. Compartilham-se informações para que todos tenham a mesma compreensão do que está sendo realizado e se possa replanejar o trabalho da escola e de cada "sala de aula" de modo a se obterem os melhores resultados. Esta é a avaliação formativa, inserida no trabalho escolar cujo papel é contribuir para o desenvolvimento: 1) do aluno, rejeitando-se qualquer situação de classificação e de rotulação, como, por exemplo, a criação de turmas de alunos de "baixo rendimento", que assim se mantêm durante todo o ano letivo; 2) e do professor, sem o que não haverá o desenvolvimento do aluno. Dá-se destaque aqui ao desenvolvimento do professor, dada a sua proximidade com o aluno. Porém, entende-se que todos os profissionais da educação que com ele interagem precisam ter garantidas suas oportunidades de crescimento.

A avaliação formativa pode ser praticada por meio do porta-fólio que, originariamente, é um arquivo ou uma pasta grande e fina em que os artistas e os fotógrafos iniciantes colocam amostras de suas produções para demonstrar suas habilidades. As amostras incluídas ilustram a qualidade e abrangência do seu trabalho, de modo a ser examinado por especialistas e professores. Esta rica fonte de informação permite aos críticos e, principalmente aos próprios artistas iniciantes, compreenderem o processo em desenvolvimento e oferecerem sugestões que encorajem o seu progresso. O seu uso na escola significa assumir o entendimento de que o trabalho do aluno e o do professor não merecem menos do que isso (Valencia, 1990, p. 338). Tendo em vista que o porta-fólio cumpre objetivos diferentes em outras profissões, é importante reconhecer que, na escola, ele representa mais do que o produto final do trabalho, alertam Loughran e Corrigan (1995, p. 565).

O porta-fólio pode ser utilizado para a avaliação do progresso de cada aluno, da atuação de cada profissional e do trabalho pedagógico de cada turma ou disciplina e da escola como um todo. O presente relato analisa a utilização do porta-fólio do aluno.

A utilização do porta-fólio como eixo norteador da organização do trabalho pedagógico da disciplina Avaliação da Aprendizagem tem tido os seguintes propósitos: participação dos alunos na organização, execução e avaliação do trabalho, de modo a desenvolverem o senso de co-responsabilidade, a criatividade e a livre expressão; análise e prática da avaliação articulada ao trabalho pedagógico comprometido com a formação do cidadão capaz de pensar e tomar decisões. Como decorrência, surge o propósito maior: formar profissionais da educação

reflexivos e capazes de construir prática semelhante nas escolas onde atuarão. Este tem sido o foco do trabalho. Nesse sentido, as seguintes contribuições do uso do porta-fólio têm sido observadas: apropriação do trabalho e construção do conhecimento pelo aluno, parceria professor-aluno e prática da criatividade, livre expressão e auto-avaliação.

A primeira refere-se à concepção e organização do trabalho pedagógico, que deixa de pertencer apenas à professora. A posse do trabalho passa a ser principalmente do aluno. "Os alunos são donos dos porta-fólios", diz Jane Blystone (apud Strickland, 1998, p. 95), da North East High School, que adota porta-fólios há algum tempo. Ela afirma que os alunos sabem que são responsáveis por seus porta-fólios porque eles lhes pertencem. Não são dela, professora, nem da escola. Eles guardam suas produções em uma grande caixa na sala de informática e não na sala da professora. A maioria os deixa nessa sala para não esquecer-los em casa ou para não perder partes do trabalho em elaboração, complementa Jane. Eles podem atualizá-los e retirar ou incluir o que quiserem. A grande caixa é como "uma casa segura", um lugar onde se conservam peças especiais, comenta Jane.

Paris e Ayres (1994, p. 10) consideram que a maior contribuição do porta-fólio é a criação do senso de apropriação do trabalho pelo aluno, o que cria sentimento de orgulho, responsabilidade e dedicação. Na situação relatada, cada porta-fólio é uma construção única porque o aluno é quem seleciona as produções a serem incluídas: há as atividades solicitadas pela professora a todo o grupo e aquelas que resultam de pesquisa conduzida por cada aluno, de acordo com os propósitos do porta-fólio.

Alunas da disciplina em pauta assim se manifestaram sobre o uso do porta-fólio:

... "significa a "valorização do próprio aluno, por permitir que ele construa a sua aprendizagem";

... "oportuniza a construção com reflexão buscando objetivos mais claros durante o processo" (Rosana B. Giacomazzi, 2º semestre de 1998).

"A vantagem do porta-fólio é possibilitar ao aluno a livre construção do seu conhecimento. Ao perceber que a trajetória do seu desenvolvimento será delineada por ele, o aluno pega gosto pelo que está fazendo, cria expectativas a respeito de si e busca, a seu modo, apresentar, fazer e construir o melhor" (Ermilda Reis, 1998, UnB).

"Este porta-fólio, construído ao longo da disciplina Avaliação da Aprendizagem, constitui-se um exemplo vivo de que a avaliação pode ser um processo prazeroso e construtivo para o aluno, servindo-lhe, inclusive, com ferramenta para se auto-avaliar, visto ser o mesmo um instrumento que traduz a subjetividade de cada um" (Gracy Kelly D. de Oliveira, UnB, outubro de 1999).

... "é um espaço democrático ... professor e alunos se enriquecem ... a aprendizagem se torna um processo agradável e construtivo" (Adriana A. de Sousa, 1999).

A noção de construção do conhecimento pelo aluno tem sido incorporada pela maioria da turma. Ao sentir-se dono do seu trabalho, podendo participar da tomada de decisões juntamente com o professor, o aluno passa a gostar do que faz e a avaliação punitiva, autoritária e classificatória cede lugar ao processo "prazeroso e construtivo", como afirma uma das alunas.

Como decorrência disso, o desenvolvimento do aluno é acompanhado por ele próprio e pelo professor, o que possibilita o estabelecimento de clima de parceria; como são constantemente atualizados, os porta-fólios documentam o progresso do trabalho. Por este motivo, afirmam Strickland e Strickland, (1998, p. 97), as primeiras produções não devem ser removidas. É o que tem ocorrido nos porta-fólios criados pelos alunos da disciplina em questão. Os trabalhos incluídos (textos produzidos, projeto e relatório de pesquisa, reflexões, auto-avaliação, fotos, ilustrações etc.) demonstram seu desempenho em diferentes momentos.

Os porta-fólios têm sido cumulativos, como recomenda Stecher (1998, p. 337), permitindo que a avaliação seja um processo contínuo, realizado pelos alunos e pela professora. Além disso, fazem parte de um processo dinâmico, não se reduzindo a "procedimentos estáticos", como alertam Tierney, Carter e Desai (apud Strickland e Strickland, 1998, p. 97). Possibilitam o desenvolvimento de processos ativos (seleção, comparação, auto-avaliação, parceria, estabelecimento de objetivos) mais do que produtos, o que constitui um dos seus pontos fortes.

Outra contribuição do emprego do porta-fólio é permitir que o aluno faça escolhas. Tierney, Carter e Desai (apud Strickland e Strickland, 1998, p. 97) recomendam que os professores ofereçam aos alunos meios variados dentre os quais possam escolher quais usarão para perseguir seus interesses e permitam-lhes tomar decisões, colaborar e selecionar as produções que representem seu progresso.

Nesse processo, os alunos analisam e comparam seus próprios trabalhos e conversam com seus colegas e professores sobre suas decisões. Assim se adquirem as competências de pensar, analisar, individualmente e em grupo, e tomar decisões, tão valorizadas hoje em dia. Nesse processo ganha destaque a auto-avaliação pelo aluno. Os seguintes depoimentos de alunas do Curso de Pedagogia revelam sua percepção:

"Pude refletir sobre o meu próprio trabalho e acompanhá-lo, o que foi uma experiência muito rica, pois pude perceber que o aluno avalia a si mesmo tanto quanto o professor o avalia. Essa avaliação influi diretamente em sua auto-estima, auto-conceito e vontade de prosseguir" (Danielle O. dos Santos, 1998).

"O aluno aprende a refletir sobre o que faz e amplia seus conhecimentos, à medida em que procura variadas fontes e faz relação do que está estudando com reportagens e situações do cotidiano" (Élixandra M. Aquino, 1998).

"O porta-fólio deveria ser utilizado em todas as disciplinas, pois é um instrumento valioso tanto para o aluno, que acompanha o seu processo de aprendizagem e se auto-avalia, quanto para o professor, que tem um instrumento seqüencial muito rico. A própria decisão de como construir o porta-fólio, seu formato e organização, já é uma forma importante de avaliação, pois ele está selecionando o que pensa ter significado para si e para o outro" (Danielle O. dos Santos, 1998).

Os próprios alunos da disciplina têm percebido as contribuições desse tipo de trabalho: o estabelecimento de vínculo mais próximo entre a teoria e a prática, sistematização do trabalho, estímulo à criatividade e à livre expressão, atendimento às diferenças individuais dos alunos e oportunidade de a professora melhor conhecer suas características, conforme os relatos abaixo:

"O porta-fólio busca estabelecer relações entre a fundamentação teórica e a prática, representando a dinâmica da reflexão-ação-reflexão, adotando como ponto fundamental a livre expressão e o incentivo à criatividade" (Ermilda Reis, 1998).

"Este tipo de avaliação não é fragmentado, porque acompanha o trabalho pedagógico desenvolvido" (Márcia Cristina, 1998).

"Busca argumentos para a compreensão de fatos que ocorrem na prática" (Rosana B. Giacomazzi, 1998).

"Oportuniza aos alunos exporem suas idéias e sua compreensão sobre os temas debatidos em sala, de forma escrita, não precisando colocá-los para a turma inteira" (Aluna do segundo semestre de 1999).

Neste último relato, como se tratava de uma turma de 46 alunos e a aluna não participava oralmente, analisando o seu porta-fólio pude conhecê-la melhor e buscar promover sua interação com os colegas.

"O porta-fólio é uma fonte de pesquisa pelo próprio aluno" (Márcia Cristina, 1998).

"Possibilita consulta constante" (Márcia Cristina, 1998).

"É importante termos registros que nos auxiliem futuramente" (Rosana B. Giacomazzi, 1998).

"Permite ordenar e sistematizar os trabalhos desenvolvidos em todo o processo ... instrumento prático de consultas futuras" (Bárbara B. Santana, 1998).

"Maneira de visualizarmos todo o processo desenvolvido no curso, de forma organizada, sistemática. Por meio dele podemos construir análises gradativamente, segundo a seqüência proposta no curso. Ao final temos uma visão geral de como o processo começou e terminou. Podemos utilizá-lo livremente em outros momentos e consultá-lo sempre que necessário, sem nos perdermos em meio aos textos, como acontece em outras disciplinas" (Ana Beatriz, 1999).

"O porta-fólio me possibilitou construir uma nova visão de avaliação. É uma ótima idéia, uma vez que nos permite constante volta aos conteúdos da disciplina para análise e reflexão" (Hélio Crispim, 1998).

Os depoimentos dos alunos constituem suas reflexões acerca do trabalho, inseridas no porta-fólio. É interessante observar que os comentários mais recorrentes se referem ao fato de ele possibilitar a organização e sistematização do material de estudo e das produções dos alunos. Como relatou-me uma aluna, ao término do curso, eles costumam ter textos soltos e não uma "biblioteca organizada".

As manifestações seguintes apontam percepções dos alunos acerca do papel do professor nesse processo:

"O aluno o constrói com o apoio e retorno do professor" (Rosana B. Giacomazzi, 1998).

"Respeita as diferenças individuais" (Rosana B. Giacomazzi, 1998).

"Possibilita a percepção do estilo de cada um" (Rosana B. Giacomazzi, 1998).

Cabe ao professor desenvolver, dentre outras, as seguintes atitudes: observação sistemática e registrada, seguida de oferecimento de comentários encorajadores, com vistas ao avanço do trabalho;

crença na capacidade do aluno; paciência; valorização das diferentes iniciativas e das diferenças individuais; flexibilidade.

Construção do porta-fólio

Como já foi declarado, os propósitos da disciplina em questão se aliam à necessidade de formação de profissionais reflexivos e capazes de introduzir essa maneira de organizar o trabalho pedagógico nas escolas em que atuarão. No primeiro encontro, apresenta-se a proposta de trabalho aos alunos, justificando-se a necessidade de adoção de sistemática que os coloque em posição de coresponsabilidade e não de subordinação ao processo de trabalho organizado inteiramente pelo professor. Discutem-se as necessidades atuais da organização do trabalho escolar, partindo-se, em seguida para a análise da fundamentação teórica do porta-fólio e das suas possibilidades de uso na escola: pelo aluno e pelos diferentes profissionais. No último semestre de oferta da disciplina (2º semestre de 1999) foi possível apresentar porta-fólios construídos anteriormente, não como "modelo", mas como ilustração. Está sendo produzida uma fita de vídeo apresentando os porta-fólios construídos a cada semestre. Essa fita é apresentada aos alunos no início de cada semestre e acrescida de novas gravações, ao seu final.

Ao mesmo tempo em que os alunos se familiarizam com o porta-fólio, tem início a análise de livros, textos e relatórios de pesquisa sobre avaliação escolar.

A construção do porta-fólio tem início com a discussão, em pequenos grupos, dos propósitos que ele terá. Embora o trabalho de criação seja individual, momentos de troca de idéias têm sido valiosos para que os alunos não se sintam desamparados diante de uma "inovação trazida pelo professor" e para que todos tenham oportunidade de se expressar livremente (reveja-se o depoimento da aluna não identificada). Nesses momentos a minha participação tem sido de fundamental importância, para prestar esclarecimentos, complementar informações, encorajar as iniciativas e ouvir os diferentes comentários. Cada grupo anota todos os propósitos verbalizados, que são por mim analisados e devolvidos com comentários.

Feito isso, cada aluno elabora os propósitos do seu porta-fólio, que são cuidadosamente analisados por mim. A partir desse momento, tem início o processo de construção. Como todos os alunos, até agora,

estiveram acostumados a apenas cumprir ordens de seus professores, tenho percebido que meu papel é o de acompanhar e encorajar o desenvolvimento das atividades em cada encontro. A tendência é eles acharem que, lançada a idéia, a professora a esquecerá e tudo continuará como dantes. Eles se sentem confortáveis quando analisamos em conjunto o que estão produzindo. É muito comum ouvir deles a reclamação de que não sabem o que é o porta-fólio nem são capazes de construí-lo. Isso tem acontecido todos os semestres. Por isso, freqüentemente os porta-fólios são levados à sala de aula para análise no grande e em pequenos grupos. Assim têm sido elaborados alguns dos propósitos:

"Pesquisar e colher materiais para reflexão sobre avaliação que possam subsidiar o meu trabalho como professora, explorando aspectos como: como é a prática da avaliação nas escolas hoje; como os atuais pesquisadores e teóricos pensam a avaliação; o que eu penso e minhas reflexões sobre o processo da avaliação" (Soraia G. Araújo, 1999).

"Identificar e analisar propostas alternativas de avaliação para as séries iniciais e para a educação infantil" (Fernanda B. R. de Souza, 2000).

"Investigar o papel da avaliação desempenhado pela Orientação Educacional" (Fernanda C. Gomes, 2000).

"Analisar com o orientador educacional pode atuar junto com os professores na avaliação dos alunos" (Fernanda C. Gomes, 2000).

"Investigar como o professor pode avaliar o desempenho do aluno observando o seu ritmo de aprendizagem e sem usar ameaças" (Letícia O. Salvador, 2000).

"Registrar minha trajetória pela disciplina para servir de subsídio para a minha auto-avaliação e avaliação pela professora" (Elizabeth M. Silva, 2000).

Iniciada a construção dos porta-fólios, os alunos começam a indagar como será a avaliação de um trabalho como esse. Os conteúdos de avaliação que estão sendo discutidos auxiliam na formulação dos descritores (evidências de aprendizagem) de avaliação de cada porta-fólio, pelos alunos e pela professora. Em pequenos grupos, esses descritores são examinados e elaborados, passando a fazer parte de cada porta-fólio. No primeiro semestre de 2000 foram elaborados pela turma os descritores contidos no quadro 1.

Quadro 1
 Descritores de avaliação do porta-fólio

	DESCRITORES	AVALIAÇÃO PELO ALUNO	AVALIAÇÃO PELO PROFESSOR
1	Cumpra os propósitos		
2	Apresenta análise do material incluído		
3	Contém propostas / formulações/ recomendações para enfrentamento das dificuldades relacionadas ao desenvolvimento da avaliação		
4	Apresenta textos escritos com correção		
5	Apresenta organização que facilita a sua compreensão		
6	Foi construído ao longo do semestre		

A experiência de Strickland e Strickland (1998, p. 113) sugere a construção de escala de avaliação, criada colaborativamente por professor e alunos. A discussão e experimentação conduzem ao aperfeiçoamento desse processo, afirmam os mesmos autores. Observo que após terem os propósitos do porta-fólio e os descritores de avaliação, os alunos ganham segurança para trabalhar. Há os que buscam informações na internet, criam poemas, apresentam para a turma reportagens atualizadas sobre os temas em estudo e relatam suas experiências. A grande dificuldade percebida a cada semestre é a formulação inicial de descritores vagos. Isso porque os alunos estão acostumados a receber tudo pronto e a serem avaliados por meio de critérios confusos e nem sempre apresentados e discutidos com eles.

Após um mês de encontros, os alunos são solicitados a apresentar ao grupo o porta-fólio em desenvolvimento. Esse é um momento rico, porque: revela interesses, iniciativas e talentos; as dúvidas são esclarecidas em conjunto; colocam-se em prática os princípios do trabalho; alunos e professora se conhecem melhor. Loughran e Corrigan (1995, p. 568) comentam que esses momentos são encorajadores porque, vendo diferentes idéias, os alunos revêem as suas próprias.

Negocia-se com os alunos o dia em que os porta-fólios serão entregues à professora para análise. Como as turmas têm sido constituídas por cerca de 40 alunos, tenho analisado individualmente os porta-fólios duas vezes durante o semestre. Há alunos que solicitam mais atenção por parte da professora. Esses costumam levar os porta-fólios para serem analisados com mais freqüência. Cada porta-fólio apresenta uma folha em branco, onde registro meus comentários de encorajamento e necessidades de melhoria. Na UnB os resultados da avaliação são expressos por meio de menções. Durante todo o semestre, os trabalhos dos alunos da disciplina não recebem menções. Os porta-fólios lhes fornecem minha análise e comentários indicadores de minha percepção sobre o seu desempenho. Ao lado disso, eles também avaliam o andamento do seu trabalho, o da turma e a atuação da professora, por meio de reflexões escritas e inseridas no porta-fólio. Casos específicos são analisados separadamente pela professora e aluno.

Ao final do semestre letivo, reuno-me com cada aluno para a última análise do porta-fólio e atribuição da menção final, considerando-se os propósitos e os descritores formulados.

Na experiência em desenvolvimento, o processo de construção do porta-fólio e o produto dele decorrente não são itens isolados. O processo ocorre durante todo o semestre, por meio das atividades coletivas em sala de aula e das individuais, fora dela. Os momentos de atividades desenvolvidas em conjunto por alunos e professora proporcionam ambiente de aprendizagem seguro, confiável e desprovido de julgamento, quando se reflete sobre o papel a ser desempenhado pela avaliação na organização do trabalho que estará sob a responsabilidade dos futuros profissionais. Isso coincide com o relato de Loughran e Corrigan (1995, p. 568) sobre a sua experiência com o uso do porta-fólio na preparação de professores na Monash University, em Clayton, Austrália.

Como produto, o porta-fólio tem o formato escolhido por seu autor. A partir dos propósitos formulados, os alunos decidem sobre os itens que o comporão. Esses itens possibilitam a construção do diálogo entre o próprio porta-fólio como procedimento de avaliação e a organização do trabalho pedagógico. Por esse motivo, não há uma maneira "certa" de se produzir um porta-fólio. Aí reside o seu grande valor: por meio da criatividade e liberdade de expressão o aluno se compreende e se faz compreender.

Dificuldades e possibilidades do porta-fólio

As maiores dificuldades enfrentadas, até agora, têm sido: a sobrecarga de trabalho para a professora e o engajamento dos alunos em um processo de trabalho oposto ao qual têm sido submetidos. Como tenho trabalhado com turmas de cerca de 40 alunos, o processo tem sido trabalhoso, porque as duas dificuldades se entrelaçam. Mudar a concepção de trabalho escolar em pessoas que já estão condicionadas ao controle do professor há pelo menos 11 anos não é tarefa fácil. Contudo, é preciso levar em conta que essas mesmas pessoas irão construir nas escolas onde atuarão processo de trabalho semelhante ao que executaram como estudantes. Daí a necessidade de vivenciarem a construção do conhecimento e não a sua mera reprodução.

Uma dificuldade decorrente da segunda é a tendência de os alunos darem ao porta-fólio o formato de coletânea de textos e reportagens, sem reflexão. Como a disciplina analisa as inconveniências da avaliação tradicional (entendida como a que enfatiza a quantidade e exatidão das informações reproduzidas) e propõe a que se articule ao trabalho pedagógico destinado a formar o cidadão para pensar e tomar decisões, alguns alunos costumam entender que a avaliação adotada será menos rigorosa e começam a construir o seu porta-fólio como uma pasta que apenas reúne textos. Para que se chegue a um trabalho criterioso, há necessidade de atenção individual aos alunos.

Outra tendência de alguns alunos é criar porta-fólio esteticamente rico e pobre em produções, o que demonstra a necessidade de acompanhamento constante do trabalho, pela professora, para não haver surpresas ao final. Este é o ponto crítico do processo: professor e aluno têm conhecimento de tudo o que está

sendo feito, motivo pelo qual as considerações avaliativas são freqüentemente oferecidas.

Toda inovação apresenta dificuldades iniciais; no presente caso, as possibilidades as superam. A mais significativa é a de possibilitar o confronto entre a teoria e a prática da avaliação inserida em um trabalho em que os futuros profissionais da educação participem da tomada de decisões pedagógicas.

Avaliando o seu porta-fólio, duas alunas consideraram que ele lhes permitiu

“um aprendizado novo: a construção de uma avaliação participativa, um recurso a mais, para utilizar quando estiver realizando a tão complexa tarefa que é avaliar” (Janeína Marcolino, 2000).

“vivenciar uma prática pedagógica democrática, pautada no respeito e na ética, possibilitando sempre o refletir sobre o ato pedagógico ...” (Ivete M. de S. Oliveira, 2000).

O desafio continua

O trabalho aqui descrito está em construção; é reorganizado a cada semestre em função das reações dos alunos do grupo anterior e do novo grupo que se matricula na disciplina. No primeiro semestre em que foi aplicado, o porta-fólio foi mais diretivo, isto é, houve mais determinações de minha parte; à medida em que o trabalho se estende a novas turmas, percebo que o espaço de tomada de decisão dos alunos se torna mais amplo, porque também eu estou em processo de aprendizagem quanto a uma nova maneira de organizar o trabalho da disciplina.

O desafio seguinte é o envolvimento de outros professores do Curso de Pedagogia no desenvolvimento de práticas que tenham os mesmos propósitos. O emprego do porta-fólio em larga escala poderia ser uma delas, no sentido de tornar o trabalho escolar mais “autêntico”, isto é, mais significativo para alunos e professores. Assim concebido, o processo poderá possibilitar diálogos entre professores e a criação, na instituição, de “comunidade de prática” mais sofisticada e profissional, considera Stecher (1998, p. 341).

Referências bibliográficas

BROADFOOT, P. Records of achievement and the Learning Society: a tale of two discourses. *Assessment in education: principles, policy and practice*. Abingdon, Oxfordshire: Carfax Publishing, 1998.

KANITZ, S. Volta às aulas. *Revista Veja*, 16/02/00.

LOUGHRAN, J. and CORRIGAN, D. Teaching portfolios: a strategy for developing learning and teaching in preservice education. *Teaching & teacher education*, vol. 11, no. 6, 1995.

PARIS, S. G. and AYRES, L. R. *Becoming reflective students and teachers with portfolios and assessment*. American Psychological Association, Washington, DC, 1994.

STECHEER, B. The local benefits and burdens of large-scale portfolio assessment. *Assessment in education: principles, policy and practice*. Abingdon, Oxfordshire: Carfax Publishing, 1998.

STRICKLAND, K. and STRICKLAND, J. *Reflections on assessment: its purposes, methods and effects on learning*. Portsmouth, NH: Boynton/Cook Publishers, 1998.

VALENCIA, S. A portfolio approach to classroom reading assessment: the whys, whats, and hows. *The reading teacher*. USA, January, 1990, p. 338-340.